

GUINADA CONSERVADORA

Extrema direita avança no Parlamento Europeu e França dissolve Assembleia



Mudança de forças. Lideranças da Alternativa para a Alemanha (AfD) comemoram resultados iniciais. Legenda ficou em segundo lugar no país, e deve contar com aproximadamente 14 cadeiras

FILIPE BARINI E
KATHLEN BARBOSA
@kathlenbarbosa
@filipebarini

Passada a maratona de quatro dias de votações em 27 países, com cerca de 350 milhões de pessoas aptas a votar, os europeus confirmaram uma guinada à direita na eleição para o Parlamento Europeu, o único órgão eleito da União Europeia. A extrema direita venceu de maneira contundente na França, onde o presidente Emmanuel Macron convocou eleições legislativas para junho, ficou em segundo na Alemanha, Áustria e Espanha. A centro-direita, liderada por Ursula von der Leyen, presidente da Comissão Europeia, segue como a principal força, mas sua margem de ação foi reduzida.

'PRONTA PARA O PODER'

O principal abalo sísmico foi sentido na França: as projeções, com base em resultados preliminares, mostram que o Reagrupamento Nacional, de Marine Le Pen e Jordan Bardella, teve 31,5% dos votos, mais que o dobro (14,5%) da coalizão da qual Macron faz parte. Em vez de lamentar a derrota, o presidente surpreendeu até aliados ao dissolver a Assembleia Nacional e convocar eleições legislativas.

— Não poderei, no final deste dia, agir como se nada tivesse acontecido. A esta situação soma-se uma febre que tem tomado conta do debate público e parlamentar nos últimos anos. Depois de ter realizado as consultas previstas no artigo 12 da nossa Constituição, decidi lhes dar novo vontade a escolha do nosso futuro parlamentar através da votação — afirmou Macron em pronunciamento. — A ascensão dos nacionalistas, dos demagogos,



Manobra arriscada. Macron anuncia realização de eleições legislativas em junho na tentativa de conter extremistas

é um perigo para a nossa nação, mas também para a nossa Europa, para o lugar da França na Europa e no mundo.

Macron hoje não tem maioria na Casa, enfrenta problemas para passar leis mais complexas, e já é atacado por aliados e pela esquerda por causa da decisão — ao mesmo tempo, analistas veem uma manobra arriscada: alguns de seus antecessores que dissolveram o Parlamento viram a oposição (normalmente de esquerda) ganhar espaço, e até conquistar a maioria, como ocorreu com François Mitterrand e Jacques Chirac.

Hoje quem está do outro lado do campo político é uma extrema direita que tem ganhado espaço, força e, sobretudo, votos. Com 88 cadeiras na Assembleia Nacional, a líder do Reagrupamento Nacional, Marine Le Pen, disse após o anúncio de Macron que "está pronta para exercer o poder".

— Estas eleições históricas mostram que quando o povo



"A ascensão dos nacionalistas, dos demagogos, é um perigo para a nossa nação, mas também para a Europa"

Emmanuel Macron, presidente francês

"Estas eleições históricas mostram que quando o povo vota, o povo ganha"

Marine Le Pen, líder do Reagrupamento Nacional

vota, o povo ganha — disse Le Pen, que na eleição presidencial de 2022, contra o próprio Macron, recebeu 13,2 milhões de votos, ou 41,45% do total.

A nova votação está prevista para o dia 30 de junho, e caso algumas disputas precisem de

um segundo turno, ele ocorrerá em 7 de julho. Durante o pronunciamento, Macron afirmou que o resultado das urnas foi ruim "para os partidos que defendem a Europa", e que a decisão de adiantar as eleições, previstas inicialmente para 2027, foi um "ato de confiança" no país. Ainda na noite de ontem, o presidente se reuniu com integrantes do governo para discutir os próximos passos, além dos detalhes sobre a campanha.

Além da França, a extrema direita também confirmou seu avanço na Alemanha, onde o partido Alternativa para a Alemanha (AfD) ficou em segundo, com 14,5% dos votos, garantindo 14 cadeiras no Parlamento. Em primeiro ficaram os conservadores (CDU e CSU), hoje na oposição alemã, com 30,7% dos votos e 31 assentos. O chanceler Olaf Scholz, alvo de pesados questionamentos dos alemães, sofreu uma derrota expressiva, com seu partido

Social-Democrata aparecendo em terceiro, com 14,5% dos votos e 14 cadeiras.

Ao comemorar o primeiro lugar, ontem, Friedrich Merz, principal líder do CDU, ressaltou que os resultados devem servir de aviso para que o governo federal reflita e mude sua política de Estado.

— Ganhamos a eleição para o Parlamento Europeu na Alemanha — afirmou. — Mas o resultado foi um desastre para partidos tradicionais.

Os números reforçam um fenômeno já estabelecido no país: o domínio do AfD no Leste alemão, onde a sigla obteve cerca de 27,1% dos votos, à frente do CDU, com 20,7%. O partido lidera também as pesquisas de intenção de voto para as eleições estaduais de setembro em Thuringia, Brandemburgo e Saxônia, três estados da antiga Alemanha Oriental.

VITÓRIA NA ITÁLIA

Na Áustria, o Partido da Liberdade teve, segundo as projeções, 25,7% dos votos, dobrando sua presença no Parlamento Europeu, com seis cadeiras, deixando para trás o Partido Popular Austríaco (centro-direita) e o Partido Social-Democrata (centro-esquerda), que terão cinco cadeiras, e tiveram 24,7% e 23% dos votos.

A premier italiana, Giorgia Meloni, um dos principais nomes da extrema direita na Europa, viu o Irmãos da Itália ficar em primeiro, com 28,5% dos votos, quase 5 pontos percentuais a mais do que o Partido Democrata, de centro-esquerda. Meloni se engajou na campanha, e chegou a concorrer como candidata, mesmo sem poder assumir uma cadeira eleita, de acordo com as regras europeias. Na Espanha, onde o Partido Socialista, do premier Pedro Sánchez ficou

atrás do Partido Popular, de centro-direita, o Vox dobrou sua votação em relação a 2019, com 9,6% do total, e pode ficar com até sete cadeiras.

Apesar das vitórias expressivas, no entanto, não há sinais de que esses partidos estejam prestes a formar uma coalizão ampla e poderosa, explica ao GLOBO o professor de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo, Kai Lehmann. Ele aponta para as muitas diferenças entre esses grupos, e até para a exclusão de alguns deles do debate neste campo político.

— Houve recentemente uma ruptura nesse bloco, Marine Le Pen disse que não iria mais trabalhar com o Alternativa para a Alemanha (AfD). Isso é ruim para esse grupo político, e será ainda pior para o AfD, porque significa que ela estará em um campo menor e ainda mais extremo, fechando a porta a vários direitos e à participação em comissões e postos — disse o professor da USP. — Há também brigas internas nacionais, como entre [Matteo] Salvini [vice-premier italiano] e Meloni, e ninguém sabe como isso vai impactar as eleições e depois das eleições.

Apesar dos avanços da extrema direita, e dos impactos que as votações tiveram no continente, a coalizão que comanda o Parlamento Europeu ainda é majoritária, embora com uma margem menor. Há cinco anos, o agrupamento de centro-direita, centro-esquerda e centro tinha 417 cadeiras em uma Casa com 705 assentos.

DIÁLOGO DIFÍCIL

Agora, segundo as projeções, o número deve ficar em torno de 407 no plenário com 720 cadeiras. Entre as principais funções dos eurodeputados está a escolha do presidente da Comissão Europeia, o órgão responsável por elaborar e propor leis e medidas votadas pelos parlamentares.

Hoje, o posto é ocupado por Ursula von der Leyen, que celebrou a vitória do grupo supranacional Partido Popular da Europa, que engloba partidos de centro-direita, afirmando que se trata do sucesso do principal "bastião de estabilidade" do bloco.

— Vamos construir uma muralha contra os extremos da esquerda e da direita. Vamos contê-los — garantiu.

Mas Von der Leyen sabe que a tarefa de se manter no posto será mais difícil agora — para Lehmann, não está descartado um diálogo com a extrema direita, tampouco acenos aos conservadores.

— Ela viajou para a Itália para se encontrar com Meloni, para falar sobre o novo pacto migratório da União Europeia, mas não prestou muita atenção no impacto que isso causaria entre os Social-Democratas — afirmou. — Ela não conseguiu conciliar a abertura à extrema direita com o diálogo com outros grupos, dos quais precisa para se eleger.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Economia **Página:** 25